

A última homenagem ao Mestre Bulhões

Maria da Conceição Tavares

A morte do Prof. Octávio Gouvêa de Bulhões causou grande impacto entre os economistas liberais brasileiros, dos quais era um dos mais ilustres representantes. Ele era igualmente respeitado por sua integridade e dedicação à causa pública, mesmo por aqueles que dele discordavam ideologicamente, e por isso foi devidamente homenageado.

Para mim, no entanto, ele representou muito mais do que um homem público ilustre – foi meu primeiro mestre em Economia e, por sua indicação, ingressei na vida universitária brasileira. Esta é uma dívida de gratidão que nunca pude pagar. Por isso sua morte me causou um pesar muito especial e quero lembrá-lo ainda, nesta última homenagem, registrando aqui os momentos mais importantes de uma longa história de respeito e afeto.

Em 1957, quando entrei para a escola de Economia, naturalizei-me brasileira legalmente. Mas foi ele, na sua escola e na sua cátedra, quem me deu a sensação de ter sido aceita como cidadã plena. Eu, jovem mulher e matemática, até há pouco tempo estrangeira, era bem-vinda à então pequena e respeitada comunidade dos economistas, e acedia aos deveres e direitos da profissão, do ensino e da cidadania.

Mestre Bulhões representou para mim, naqueles tempos, a autoridade e o diálogo, isto é, a possibilidade de pensar por mim mesma, apesar da hierarquia da cátedra. Ele propiciava o distanciamento respeitoso, aceitava a diferença de raízes intelectuais e de caminhos, tornava possível aprender e colaborar, sem sermos da mesma grei.

Seu modo de ser, tolerante e aberto, era o de um verdadeiro liberal da velha estirpe, espécie hoje em extinção. Adepto da escola inglesa e sueca, não por acaso Hicks e Wicksell eram os seus autores preferidos. Introduziu-me à leitura dos clássicos e neoclássicos de maior envergadura, na sua cadeira de "Valor e Formação de Preços". Detestava – e deixou-me isso de herança – os manuais de economia simplificadores e as visões estáticas sobre o funcionamento dos sistemas econômicos. Até hoje, ao menos nisso, tendo a seguir as pegadas acadêmicas de meu mestre.

Convidou-me em 1960 para ser sua auxiliar de ensino e manteve-me como sua assistente durante 15 anos, a despeito de ter ido trabalhar na Cepal, a escola rival do pensamento liberal em Economia, isto é, do seu próprio pensamento.

O Dr. Bulhões sabia que nossas visões de mundo não coincidiam em muitos pontos, mas isso nunca interferiu no seu julgamento acadêmico, nem no respeito intelectual e moral que mantivemos um pelo outro ao longo de mais de 30 anos.

Quando foi ministro de Estado do Governo Castello Branco, continuei a privar de sua confiança e seu espírito elevado permitiu-me manter minhas divergências, em sala de aula, e mesmo criticar a política econômica

da qual foi um dos condutores, sem dúvida o mais sério e coerente de todo o período autoritário.

Mestre Bulhões nunca deixou de dar aulas nem de cumprir parte dos rituais acadêmicos com a habitual modéstia, mesmo quando exerceu o cargo de Ministro da Fazenda. Nesse período, nas poucas vezes em que freqüentei seu gabinete, para discutir provas ou *currículum*, fui testemunha (com secreto orgulho) da tranqüilidade e lhanza com que despedia os “lobistas” ou os importunos; do pouco que era afetado pelo Poder, pelas honrarias e pelas homenagens que constantemente lhe faziam os seus correligionários. Dizia-se na época e mais tarde, com a maior razão, que o gabinete do Dr. Bulhões tinha sido o mais discreto e menos “freqüentado” da República.

Depois que o regime autoritário endureceu e me tornei conhecida por minhas palestras e críticas, já na década de 70, soube por amigos comuns de quantas vezes me defendeu dos ataques malévolos dos reacionários de plantão. Sua opinião sobre minha integridade e competência acadêmica, e sua proteção discreta mas firme, me valeram, nos tempos duros da ditadura, ter escapado incólume a perseguições e à expulsão de cargo, de que tantos colegas universitários foram vítimas.

Antes de aposentar-se na FEA-UFRJ, em 1975, Mestre Bulhões presidiu à Banca de Livre Docente que me permitiu, mais tarde, postular a sua cadeira em concurso de titular. Uma vez mais demonstrou sua isenção, ao examinar e aprovar minha tese, da qual discordava radicalmente, na parte de economia brasileira. Algumas vezes sugeriu discretamente que eu deveria dedicar-me mais à teoria e menos à crítica da política econômica, que me traria crescentemente adversários naqueles tempos inseguros. Mas eu não podia seguir senão o seu exemplo e, contra ventos e marés e sem nenhum resultado, continuar lutando por este país. Juntos e separados, cada um à sua maneira.

Há 10 anos trabalhamos juntos pela última vez: foi numa comissão de inquérito sobre Sistema Financeiro, no Senado Federal. Estávamos de acordo quanto à natureza da especulação financeira, a necessidade de acabar com a forma perversa que tomara o mercado de dinheiro e de fazer uma reforma monetária que acabasse de vez com a indexação dos títulos da dívida pública. Ambos vivemos o suficiente para ver frustrar-se mais uma esperança, no começo desta década de 90. Mestre Bulhões lutou até o fim por suas idéias. Espero continuar seguindo o seu exemplo.

“Tudo vale a pena se a alma não é pequena”, dizia o bardo português. Deus sabe que a alma do Dr. Bulhões não era pequena em nenhum sentido. Viveu para além das contingências; era um servidor público por excelência, mas sobretudo uma grande figura humana. Honra lhe seja feita!